

**FAAT – FACULDADES**

**Curso de Pós-graduação *lato sensu***

**Psicopedagogia**

**RITA DE CÁSSIA MOURA RIBEIRO**

**A ARTE COMO INSTRUMENTO DE INTERVENÇÃO  
PSICOPEDAGÓGICA EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES  
COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: LEITURA E  
PRODUÇÃO DE IMAGENS**

Atibaia, SP

**2018**

**Curso de Pós-graduação *lato sensu***

**Psicopedagogia**

**RITA DE CÁSSIA MOURA RIBEIRO**

**A ARTE COMO INSTRUMENTO DE INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: LEITURA E PRODUÇÃO DE IMAGENS**

Trabalho apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de pós-graduado no Curso de Pós-graduação *Lato sensu* em Psicopedagogia, da FAAT – Faculdades, sob orientação do Prof (°) Dr (°) Mateus Henrique Nogueira.

Atibaia, SP

**2018**

**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU “PSICOPEDAGOGIA”**

Termo de aprovação

**RITA DE CÁSSIA MOURA RIBEIRO**

**Título: “A ARTE COMO INSTRUMENTO DE INTERVENÇÃO  
PSICOPEDAGÓGICA EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM  
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: LEITURA E PRODUÇÃO DE  
IMAGENS”**

Trabalho apresentado ao Curso de pós-graduação *lato sensu* “Psicopedagogia”, para apreciação do professor orientador Dr (°) Mateus Henrique Nogueira que após sua análise considerou o Trabalho \_\_\_\_\_, com Conceito \_\_\_\_\_.

Atibaia, SP, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 201\_\_.

---

Prof(° ) Dr (°) Mateus Henrique Nogueira

## **TEMA: A ARTE COMO INSTRUMENTO DE INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: LEITURA E PRODUÇÃO DE IMAGENS.**

### **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo apresentar a utilização da arte, mais especificamente, a leitura e a produção de imagens, como ferramenta para a retomada ao processo de desenvolvimento da aprendizagem de crianças e adolescentes que apresentam dificuldades, incidindo no fracasso escolar. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica não sistemática abordando-se a aprendizagem e o fracasso escolar, os fatores que influenciam o aprender e o não aprender, a importância da família no desenvolvimento global do indivíduo, as emoções como elemento relevante no processo de ensino-aprendizagem e o fator decisivo da intermediação e da ação psicopedagógica para o reestabelecimento da autoestima, da produtividade, da criatividade e da motivação de crianças e adolescentes para reencontrarem o caminho do desenvolvimento escolar. Além disso apresentou-se o relato de um estudo de caso fazendo um paralelo com a fundamentação teórica desenvolvida. Através dessa aproximação entre teoria e prática propôs-se uma reflexão sobre a utilização da arte como uma ferramenta de intervenção psicopedagógica a ser considerada, no intuito de propor estratégias ao sujeito em processo de aprendizagem e lhe oferecer novos caminhos que o despertem para o querer aprender, para o querer fazer, para o querer conviver e para o querer ser, de maneira segura, plena e feliz.

**Palavras-Chave:** Fracasso escolar, Arte, Leitura e Produção de Imagens, Intervenção Psicopedagógica, Desenvolvimento da aprendizagem.

## SUMÁRIO

<b>1- INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>2- REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>8</b>
<b>2.1- Onde encontrar o fracasso escolar? .....</b>	<b>8</b>
<b>2.2- Entre o aprender e o não aprender .....</b>	<b>10</b>
<b>2.3- Fatores internos e externos que envolvem o aprender .....</b>	<b>11</b>
<b>2.4- O reflexo da família no contexto da aprendizagem .....</b>	<b>12</b>
<b>2.5- Emoções: um fator no processo de aprendizagem .....</b>	<b>14</b>
<b>2.6- A ação psicopedagógica .....</b>	<b>15</b>
<b>2.7- A arte como intervenção psicopedagógica .....</b>	<b>16</b>
<b>3- ESTUDO DE CASO .....</b>	<b>19</b>
<b>3.1- Caracterização do caso .....</b>	<b>19</b>
<b>3.2- Intervenção Psicopedagógica .....</b>	<b>19</b>
<b>4- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>22</b>
<b>5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>24</b>

## 1- INTRODUÇÃO

A educação passa por uma série de dificuldades na atualidade, em especial, a contradição entre problemas cada vez mais globalizados e a necessidade iminente de atentarmos ao indivíduo como um ser único, dotado de necessidades singulares (JUPIASSU, 2007). Essa realidade que se repete na rede de ensino, desencadeia uma série de entraves ao processo de ensino-aprendizagem, resultando em prejuízos no desenvolvimento do indivíduo que acarretam, entre outros, o fracasso escolar – “um sintoma social da contemporaneidade” (BOSSA, 2002, p. 17).

O fracasso escolar se instala na vida da criança ou do adolescente como sintoma de possíveis dificuldades ou transtornos de aprendizagem. De acordo com Bossa (2002), esses fatores causam grandes complicações e, sobretudo, um enorme sofrimento àqueles que o vivenciam, sendo sintomas de diversos elementos com origens exógenas e endógenas ao sujeito.

No transcorrer deste artigo, tomaremos como alicerce da discussão as dificuldades de aprendizagem relacionadas aos fatores externos ao sujeito, os exógenos, especialmente aqueles que envolvem o contexto familiar vulnerável. De acordo com Sampaio (2015), o ambiente disfuncional da família leva crianças e adolescentes a graves problemas emocionais e, ainda, segundo Fonseca (2016), as emoções tem um impacto fundamental no processo de aprendizagem. Experiências e vivências emocionais provocam comportamentos positivos ou negativos, conscientes ou inconscientes, que dão sentido à forma de incorporar novos conhecimentos e ao modo de existir. As emoções fazem parte da evolução da espécie humana no processo de adaptação às situações que desencadeiam o sucesso ou o fracasso do indivíduo.

Considerando o sentimento desolador causado pelo fracasso escolar, oriundo do sofrimento consequente de problemas ambientais, observa-se crianças e adolescentes extremamente fragilizados. Apresentam-se emocionalmente

comprometidos e completamente desarticulados do processo de aprendizagem pela falta de autoconfiança e pela ausência de estímulos necessários para retomarem o desenvolvimento escolar regular. O ato de aprender estabelece circuitos nos neurônios que provocam transformações nos aspectos cognitivos e emocionais, inclusive na imagem que o indivíduo tem de si mesmo. A segurança afetiva permite que as emoções facilitem o caminho para a cognição, que só é possível através de um conjunto harmonioso de funções cognitivas, executivas e atencionais. Estas funções respondem pelo processamento de informações mais humanas, verbais e simbólicas, garantindo a retomada ao caminho da evolução da aprendizagem (FONSECA, 2016).

No âmbito do atendimento psicopedagógico, busca-se encontrar e compreender os motivos que desencadeiam os quadros sintomáticos como o do fracasso escolar, tão devastadores para o desenvolvimento de crianças e adolescentes. A psicopedagogia, assim como a neurociência e neuropsicologia, vem interligando os estudos do cérebro, da mente e do comportamento humano a fim de elucidar os caminhos que levam às dificuldades de aprendizagem e as consequências que estas acarretam ao indivíduo (CARVALHO, 2009). Tais conexões proporcionam elementos para a criação de ferramentas que substanciam os processos diagnósticos e interventivos, garantindo novas possibilidades de restauração do processo de desenvolvimento cognitivo, pessoal e relacional.

Diante da minha formação acadêmica em Artes Visuais, pelas pesquisas desenvolvidas em leitura de imagens e pela experiência prática em oficinas de artes para crianças e adolescentes, pude observar uma grande possibilidade na utilização da arte como instrumento potencial na prática psicopedagógica. Frente a esta possível probabilidade, surgiram os seguintes questionamentos: A arte pode colaborar no processo de diagnóstico e intervenção psicopedagógica? A leitura e a produção de imagens relacionadas à arte podem nortear o atendimento psicopedagógico clínico? A arte, enquanto expressão das emoções humanas pode auxiliar crianças e adolescentes com dificuldades de aprendizagem a retomarem o seu processo de desenvolvimento escolar?

O presente artigo tem como objetivo propor uma reflexão acerca da utilização

da arte como instrumento de intervenção psicopedagógica clínica. Para tal, utilizamos a leitura e a produção de imagens como ferramentas capazes de viabilizar oportunidades de desenvolvimento às crianças e aos adolescentes com dificuldades de aprendizagem decorrentes de causas emocionais, especialmente oriundas de conflitos familiares.

A metodologia utilizada consta de uma revisão bibliográfica não sistemática e de um estudo de caso. O artigo foi dividido em duas partes, sendo inicialmente constituído por sessões que apresentam o fracasso escolar como uma realidade cada vez mais presente na rede de ensino. É elencada uma definição conceitual das dificuldades de aprendizagem e suas causas, os aspectos familiares e o impacto das emoções na aprendizagem. Além disso, são discutidos o papel do psicopedagogo e a arte, com a leitura e produção de imagens, como ferramenta potencial para acessar as emoções e reorganizar o processo de aprendizagem de crianças e adolescentes. O estudo de caso discursa sobre o atendimento realizado em uma instituição pública durante o estágio para conclusão da Pós-graduação em Psicopedagogia.

## **2 - Referencial Teórico**

### **2.1 – Onde encontrar o fracasso escolar?**

O fracasso escolar é considerado uma patologia dos tempos atuais, dado o número crescente de crianças e adolescentes que levam esta queixa a diferentes profissionais das áreas da saúde e da educação (DEGENSZAJN *et al.*, 2001). São milhares de crianças e adolescentes que apresentam o sintoma do fracasso escolar na rede pública de ensino do nosso país, e da mesma forma, é grande a ineficiência da escola, dos profissionais, da família e da própria ciência para lidar com este fenômeno (BOSSA, 2002).

Para Fernández (1990), o fracasso escolar está ligado a causas externas ou internas às estruturas familiar e individual. Quando externas, ou reativas, relacionam-se ao ambiente escolar, à maneira de ensinar e à metodologia aplicada. A criança quer aprender, mas não tem condições ideais para a aprendizagem. É um “problema de ensinagem”, como aponta Collares (1989) *apud* Bossa (2002).



Referindo-se às causas internas, ou problemas de aprendizagem por inibição, o indivíduo provoca o “aprisionamento de sua inteligência”, através de relações simbólicas inconscientes. A inibição intelectual está muitas vezes vinculada a problemas afetivos (BOSSA, 2002).

Pesquisas realizadas por Feller (1993) *apud* Degenszajn *et al.*, (2001), com psicólogos e professores, apontaram uma forte crença de que as crianças que apresentavam queixa escolar estariam inseridas em um quadro de pobreza, sendo o déficit cognitivo atrelado à desestruturação familiar e à carência afetiva. Foram considerados também os problemas emocionais, neurológicos e a desnutrição como causas do fracasso escolar. Ainda como resultado da pesquisa, observou-se a possibilidade de que a instituição também produziria o fracasso escolar (DEGENSZAJN *et al.*, 2001).

Para conhecermos a causa do sintoma é necessário entendermos a história do sujeito, pois será a sua individualidade o elemento que determinará as representações simbólicas e seus significados. A aprendizagem está diretamente ligada à estrutura de personalidade do sujeito que deverá ser saudável e emocionalmente maduro para aprender. Assim, como afirma Bossa (2002):

O nível de maturação do indivíduo para aprender depende do interjogo entre fatores intelectuais e afetivos, o equipamento biológico que traz ao nascer e as condições de comunicabilidade como meio significativo (p.24).

O fracasso escolar gera um grande sofrimento psíquico à criança e à família. Os pais ficam ressentidos e tentam encontrar o motivo do problema fora do contexto familiar. Eles responsabilizam, muitas vezes, a criança e sentem-se frustrados por não terem um filho bem-sucedido na escola (DEGENSZAJN *et al.*, 2001). A criança, por sua vez sente-se incapaz, culpada e frustrada, pois as práticas educativas para regatar o processo de aprendizagem são, na maioria das vezes, ineficazes.

Bossa (2002), assim como Fernández (1990), atribui à escola a responsabilidade pela marginalização e insucesso de milhares de jovens. Esta afirmativa contraria a UNESCO acerca da reflexão sobre os pilares da educação para a escola do futuro: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver, aprender a ser – a imagem da escola atrelada à construção de um mundo melhor. A

autora acrescenta que o fracasso escolar envolve grande complexidade, pois são inúmeros fatores que envolvem a problemática. A própria evolução da tecnologia e da ciência transforma a sociedade e seu modo de viver, criando novas patologias e novas buscas pela cura.

## 2.2 – Entre o aprender e o não aprender

Aprender é desenvolver, é adquirir novas vivências e experiências que alimentam o conhecimento. Desde a gestação o feto recebe estímulos positivos ou negativos, que já começam a interferir em sua evolução. De acordo com Burgierman (2016), a experiência intrauterina pode apresentar-se tranquila e sensível ou com sérios distúrbios psicológicos graves, como esquizofrenia e autismo.

Através do cordão umbilical substâncias químicas chegam até o bebê. Hoje, através das neurociências, é possível afirmar que a partir do segundo mês de gravidez o feto já responde a estímulos hormonais, e aos quatro meses já reage ao toque, ao som e à vibração da voz. Aos seis meses de gestação já possui também o olfato, o paladar e a sensibilidade à luz. Nesta fase, acontecimentos traumáticos podem ficar registrados em seu inconsciente. O bebê ainda no ventre da mãe chora, quase sorri e sente todos os tipos de sensações (BURGIERMAN, 2016).

A partir do nascimento a aprendizagem continua seu percurso natural, que é inerente ao ser humano, embora, para cada um, haja um tempo e medida diferentes. O processo de aprendizagem envolve métodos, investigações, sistematizações, reflexões e estratégias, tanto para quem ensina quanto para quem aprende. De acordo com Wallon (1995) *apud* Mahoney & Almeida (2005), o desenvolvimento do indivíduo baseia-se na integração entre a afetividade, a cognição e a motricidade, fundamentando a importância do afeto na organização psíquica e a sua interferência no processo de ensino-aprendizagem (MAHONEY & ALMEIDA, 2005). Além desses autores, para Bossa (2002) a aprendizagem humana pode ser explicada em dois segmentos: o primeiro atribui a aprendizagem a consequências do comportamento humano e o segundo, à organização interna do conhecimento como consequência da relação entre o sujeito e o meio externo.

São diversas as teorias e reflexões acerca do desenvolvimento da

aprendizagem. Podemos encontrar uma série de definições para a aprendizagem envolvendo a aquisição de conhecimentos, experiências, respostas psicológicas ou fisiológicas a estímulos, ligações químicas de neurotransmissores, relações com os outros e com o meio ambiente, entre outros. Cada educador ou profissional que lida com a educação e a saúde, desenvolve a sua trajetória para o entendimento do sujeito, baseando-se nestas ou em outras teorias da aprendizagem conjuntamente com suas próprias teorias, fruto de suas próprias vivências e experiências pessoais e profissionais. A presente pesquisa considerou as dificuldades de aprendizagem relacionadas às questões emocionais vinculadas às relações familiares “que se entrecruzam com uma também particular estrutura individual”. (MENZES E TREVISOL, *apud* FERNANDÉZ, 1990)

Aprender envolve uma grande quantidade de elementos e, da mesma maneira, o não aprender também está inserido em um conjunto de circunstâncias que favorecem o aparecimento da queixa. De acordo com Barbosa (2015), a cognição é o processo mental ligado à capacidade de acumular o conhecimento e processar informações. A cognição envolve o raciocínio, o juízo e o pensamento, mas, está ligada também a imaginação, percepção, memória e emoções. Este conjunto de funções se processa no cérebro, de maneira equilibrada ou desequilibrada, sendo esta última, desencadeada por fatores diversos classificados em endógenos e exógenos (SAMPAIO, 2015).

### **2.3 – Fatores internos e externos que envolvem o aprender**

Os fatores considerados endógenos são aqueles cujas origens encontram-se internas ao sujeito. Podem ser causados por desequilíbrio químico nos neurotransmissores, por lesões cerebrais, aspectos genéticos e causas diversas. Podem ocorrer também no período pré-natal e na infância em decorrência de doenças e deficiências congênitas (BARBOSA, 2015).

Os fatores exógenos ou ambientais cuja origem encontra-se externa ao indivíduo estão ligados diretamente às causas escolares e/ou familiares. Quando escolares, referem-se ao contexto pedagógico, no que diz respeito à ineficiência de métodos e recursos pedagógicos utilizados pelo professor e/ou pela instituição.

Considera-se também a resistência aos vínculos afetivos entre os pares e o professor, acarretando, em muitas situações, a prática do *bullying* escolar. As causas familiares envolvem o desequilíbrio e os conflitos domésticos relacionados aos aspectos financeiros e sociais, à violência, ao descuido e negligência. O sintoma que a criança apresenta está diretamente relacionado ao sintoma apresentado pela família, ou seja, o que ocorre na família, afeta diretamente a criança (LACAN, 1991 *apud* DEGENSZAJN *et al.*, 2001).

A existência de um ou mais destes fatores no processo de desenvolvimento da aprendizagem pode causar sérios prejuízos emocionais e intelectuais, gerando grande sofrimento às crianças e aos adolescentes (SAMPAIO, 2015). Porém, não se deve considerar apenas o que é demonstrado pelo sujeito, em seu dia-a-dia, mas, ao contrário, é necessário saber buscar, compreender e motivar o potencial que este possui adormecido e que não está sendo utilizado. Nesse sentido, apenas investigando e analisando as particularidades internas e externas que envolvem o sujeito é que poderemos compreender, de fato, quais as causas do sintoma e suas consequências diante do mundo e das pessoas (BARBOSA, 2015).

#### **2.4 – O Reflexo da família no contexto da aprendizagem**

O desempenho escolar da criança e do adolescente não pode ser analisado baseando-se apenas em números e resultados, considerando exclusivamente suas características pessoais e comportamentais apresentadas com seus pares, em suas relações interpessoais. Estes elementos, na verdade, representam tudo o que vemos de imediato. É o reflexo de algo que pode estar escondido, muito bem guardado por trás de reações como hiperatividade, impulsividade, contestação/desafio, agressão e manifestações antissociais. Estes comportamentos podem camuflar sentimentos confusos, acontecimentos traumáticos, vivências inadequadas ou outras situações que acometem grande número de crianças e adolescentes em seu cotidiano. Estas características apresentadas pela criança ou pelo adolescente, muitas vezes não são compreendidas pelos mesmos, pois podem estar ligadas a aspectos muito mais profundos do inconsciente (DEGENSZAJN *et al.*, 2001).

A violência doméstica interfere diretamente no processo de aprendizagem de

crianças e adolescentes, e este fato pode ser observado no desenvolvimento cognitivo e emocional do indivíduo, prejudicando sua vida escolar e social. O sucesso ou o fracasso pessoal e escolar dependem basicamente do ambiente em que o sujeito está inserido e das relações que existem entre ele e estes fatores externos, como a família, a escola e o meio social (PEREIRA & WILLIAMS, 2008).

Muitas pesquisas têm sido feitas no Brasil e em outros países com o objetivo de mostrar o quanto a violência doméstica compromete o desenvolvimento da aprendizagem de crianças e adolescentes. De acordo com os pesquisadores Pereira & Williams (2008, p.149), “os dados fornecidos pela literatura científica, em especial, a internacional, mostram consenso em dizer que a criança vítima direta de violência doméstica apresenta declínio no desempenho escolar”.

Entre os anos de 1996 e 1999, 141 crianças de ambos os sexos, fizeram parte de uma pesquisa realizada em uma clínica de psicologia vinculada a um hospital universitário no interior de São Paulo. As crianças foram encaminhadas pelo Sistema Único de Saúde, por apresentarem baixo rendimento escolar e a pesquisa revelou, entre outros pontos significativos, que quanto maior o índice de problemas nas relações familiares, maiores os prejuízos no desempenho escolar (FERREIRA & MARTURANO, 2002).

As famílias vulneráveis, que somam desvantagens socioeconômicas, aumentam ainda mais as possibilidades para o fracasso escolar de suas crianças, considerando também a influência dos vizinhos, a depressão em algum familiar ou outras doenças importantes. Outro dado registrado foi que as crianças mais agredidas em casa sofrem mais punições na escola e tem seus relacionamentos mais conturbados. Comprovou-se também que estas crianças já apresentam, desde o início da infância, uma forte tendência às dificuldades de aprendizagem, ao fracasso escolar e aos problemas de relacionamentos familiar e social, possuindo grandes chances de estenderem estes aspectos para além da infância e da adolescência (FERREIRA & MARTURANO, 2002). Por isso, torna-se de importância fundamental investigar, não apenas os sintomas, mas, sobretudo, as causas que provocam a queixa.

Outra pesquisa realizada, também no interior de São Paulo, propôs conhecer a opinião de 18 professoras e seis diretoras de escolas das redes municipal e estadual de ensino sobre o desempenho escolar de crianças que convivem com a violência doméstica. As entrevistadas apontaram que a violência doméstica é identificada pelas próprias crianças em mais de 75% das vezes, seja através de seus relatos, de suas marcas corporais e comportamentos (perda de interesse e apatia). Quando indagadas sobre o rendimento escolar, 91% das entrevistadas afirmaram que este fica prejudicado em decorrência da violência doméstica (PEREIRA & WILLIAMS, 2008).

Pode-se perceber o quanto o ambiente familiar interfere no processo de aprendizagem de crianças e de adolescentes. Este fator exógeno tem fortíssima influência no aspecto cognitivo, social e emocional, causando sérias dificuldades na vida do indivíduo. Muitas vezes, este fator é negligenciado no ambiente escolar, dado às dificuldades para lidar com o tema, pela família que não o revela, e pela criança que muitas vezes se sente exposta e ameaçada ao falar sobre seus problemas. Esta situação dificulta a intervenção de forma eficaz e segura para garantir ações que possam reintegrar a criança no desenvolvimento contínuo de sua aprendizagem cognitiva, social e emocional.

## **2.5 – Emoções: um fator essencial no processo de aprendizagem**

As emoções fazem parte da vida, desde as vivências intrauterinas e se estendem ao longo da existência, revelando-se positiva ou negativamente, de forma consciente ou inconsciente. As emoções direcionam o indivíduo para as situações agradáveis e o afastam das que lhe causam mal. Vivenciá-las produz aprendizagem e gera conhecimento, pois quando se busca o bem-estar e a adaptação a uma determinada situação desconfortante, criam-se conexões para garantir o equilíbrio das emoções, fenômeno conhecido como função de autorregulação (FONSECA, 2016). Ainda de acordo com Fonseca, os problemas emocionais desenvolvidos pela pressão que envolve o rendimento escolar são a ansiedade, depressão, desmotivação, vulnerabilidade, baixa produtividade, entre outros, diretamente ligados ao fracasso escolar.

O fracasso escolar está diretamente ligado às emoções, visto que há uma relação de reciprocidade entre ambos. De acordo com Fonseca (2016), outra questão importante ao considerar emoções como causa do sucesso ou do fracasso escolar é a criação de vínculos para o estabelecimento de confiança e segurança para o aprendizado. O aprendiz necessita de uma influência positiva que lhe traga conforto e afeto no sentido de sentir-se acolhido e protegido para assumir riscos e possíveis erros que fazem parte do desenvolvimento humano. Sob, ameaça e medo, a pessoa reage inconscientemente, não estabelece um pensamento e um raciocínio organizado. Contrariamente, um ambiente amistoso favorece à criança e ao adolescente a tomada de decisão e a transformação de experiências negativas em positivas. Este ambiente inclui a escola e a família, dentro de um contexto social e cultural (MAHONEY & ALMEIDA, 2005). As emoções envolvem, também, o aprendizado do corpo físico e sua relação com o espaço através das sensações e movimentos. Preparam o sujeito para reagir de forma consciente ou inconsciente a estímulos produzidos pelo meio no qual estão inseridos. Estas respostas evidenciam-se através da postura corporal, dos movimentos de pernas e braços e pelo modo de olhar. Conforme as palavras de Dantas (1992, p.89), “a revolução orgânica provocada pela emoção concentra no próprio corpo a sensibilidade: ocupada com as próprias sensações viscerais, metabólicas, respiratórias...” As reações emocionais podem mudar o comportamento do indivíduo, ao longo de um período ou instantaneamente, de maneira positiva ou negativa, de acordo com a situação que está sendo vivenciada pelo sujeito.

Diante da profunda ligação que envolve a aprendizagem e as emoções, torna-se evidente o investimento em ações que promovam o equilíbrio desta relação. É necessário que o sujeito em seu processo de desenvolvimento tenha condições apropriadas para resgatar as oportunidades perdidas que o levaram ao fracasso escolar. Reconciliar-se com um novo caminho na apreensão do saber, da experiência e do conhecimento, garantirá uma nova oportunidade na busca do sucesso.

## **2.6 – A ação psicopedagógica**

A psicopedagogia vem entrelaçando conhecimentos em diversas áreas, como

a psicologia, fonoaudiologia, clínica médica, neurociências, pedagogia, sociologia, entre outros, por entender que o sujeito é único, com histórias e experiências muito próprias. Por este motivo, pautada no compromisso com a ética e com a dignidade do ser humano, investiga o sujeito de forma integral, considerando-o em seus aspectos orgânicos, emocionais, familiares, psicológicos, sociais e culturais (FREITAS, 2016). Somente através da observação da criança e do adolescente, em sua maneira de ser e de lidar com suas questões pessoais, familiares e sociais, é que se torna possível conhecer a origem de sua queixa para aplicar as intervenções apropriadas para que este indivíduo retome seu desenvolvimento de forma assistida e orientada (FERNÁNDEZ, 1990).

As práticas psicopedagógicas utilizam técnicas e estratégias para determinar o diagnóstico e aplicar as intervenções necessárias à problemática da aprendizagem. Para tal, realizam-se entrevistas, coordenação de trabalhos interdisciplinares, mediação terapêutica e desenvolvimento de projetos educativos e institucionais, além do desenvolvimento de metodologias inovadoras que atendam o sujeito em seu processo individual de aprendizagem, com suas necessidades, expectativas e realidades próprias (ANDRADE, 2004). O psicopedagogo lida com estes elementos e através de sua mediação, a criança e o adolescente podem estabelecer diversas relações que produzirão sentido, que serão destinadas às suas necessidades específicas, garantindo a oportunidade de sanar ou aliviar sua queixa.

## **2.7 – A arte como intervenção psicopedagógica – uma proposta para reflexão**

Priorizando o atendimento psicopedagógico focado na integralidade do ser, busca-se encontrar novos métodos para atender a individualidade de cada paciente, sendo esta a finalidade a que se propõe este artigo. A utilização da imagem da arte como instrumento capaz de provocar reflexões que possam desenvolver e aprofundar as potencialidades do indivíduo vem sendo abordada, visto suas dimensões estéticas e interpretativas que garantem codificações e decodificações de seus símbolos e representações. A leitura de imagem abordada no presente artigo refere-se a um instrumento capaz de auxiliar no desenvolvimento cognitivo, favorecendo a leitura e a escrita e, também, capaz de provocar associações com a subjetividade do sujeito. O contato com a obra de arte e com as experiências



estéticas estimula a sensibilização do olhar favorecendo a reflexão diante do mundo, do cotidiano, do outro e de si mesmo (ROSSI, 2011; LEITE, 2015).

A primeira leitura que fazemos do mundo, através dos nossos olhos, é a da imagem, e, depois, aprendemos a ler as letras e as palavras. A leitura compreende a decodificação mecânica e o processo de compreensão, ambas complementares (MARTINS, 1994, p.31-32 *apud* PILLAR, 2011). Ao movimentarem-se sobre uma imagem, os olhos descobrem a espacialidade e esta ação cria relações de organização pessoal. “Estes exercícios são predominantemente reprodutivos, narrativos e descritivos. A criança está aprendendo a ler, a reconhecer e a criar a partir deles” (BUORO, 2009, p. 42).

Ler imagens é um processo de associação e dissociação no qual o sujeito organiza os elementos que observa dentro de uma nova realidade que lhe permite atribuir significados elementares ao seu cotidiano para garantir a sua sobrevivência (BARBOSA, 2000 *apud* ROSSI, 2011; BUORO, 2009). Esta nova interpretação permite modificar referências passadas de momentos vividos, crenças, expectativas, sonhos e de outras imagens associadas a outros tantos contextos, em uma nova compreensão dos fatos.

A leitura de imagens, enquanto método para associações e práticas reflexivas, permite que a criança e o adolescente se relacionem com estas representações, criando ligações entre a figura vista e a subjetividade do indivíduo que é externalizada através de um gesto, de uma palavra ou através da produção de outra forma. Quando o sujeito fala livremente, pode revelar seus pensamentos de forma espontânea. A interpretação da imagem envolve o contato direto com o mundo do leitor, descortinando expressões escondidas (BUORO, 2009; ROSSI, 2011). Ainda de acordo com Buoro (2009):

A vida adquire sentido para o ser humano à medida que ele organiza o mundo. Por meio das percepções e interpretações, os sistemas externos da realidade são mapeados nos sistemas internos do ser, e o cérebro humano vai também se desenvolvendo no contato com essa realidade (p.19).

De acordo com Leite (2015), o encontro com a arte favorece a aproximação do sujeito com a sua própria essência, permitindo que novos sentidos e

pensamentos sejam estabelecidos renovando sua maneira de estar no mundo. Novos olhares e experiências se desenvolvem e esse movimento causa-lhe uma vivência catártica que proporciona trocas de saberes e afetividade capazes de provocar grandes transformações em sua psique. De acordo com Vigotsky (1999) *apud* Barroco & Spuerti (2014), a arte tem o poder de alterar a organização psíquica do sujeito. Ela age nos sentimentos e em outras potencialidades do ser humano.

Quando a imagem é construída, surge o movimento de ação. É necessário estabelecer uma posição de decisão, de escolhas e de reflexão. Quando a criança cria um desenho, ela desenvolve atitudes intelectuais, perceptivas e motoras. Ela utiliza meios para representar sua ideia dentro de uma narrativa pictórica. Assim como na leitura de imagens, a produção também inter-relaciona o passado e o presente, com referências em suas vivências pessoais. “O desenho é um suporte onde se misturam e se cruzam os valores do objeto e os valores da pessoa” (GRUBITS & DARRAULT-HARRIS, 2001 *apud* GRUBITS, 2003). Ainda como aponta a autora,

O desenho é a concretização de um diálogo inconsciente, buscando conciliar as exigências do sujeito e aquelas do objeto, um diálogo que organiza o conhecimento e permite reduzir a distância entre o eu e o não-eu (GRUBITS, 2013, p.98)

Além do exercício de memória para evocar a imagem do objeto, a afetividade circundante e as atribuições dadas a ele, o indivíduo está lidando também com o mundo dos símbolos, pois muitas vezes o que há na narrativa construída em seu pensamento é reproduzida através de símbolos e estes registros nos servem como orientação, pois muito do que não é dito, é desenhado (GRUBITS, 2003).

O processo de desenvolvimento da consciência proporcionado pela arte favorece as capacidades de abstração da mente, tais como identificar, selecionar, classificar, analisar, sintetizar e generalizar (BUORO, 2009, p.20). Estas habilidades são fundamentais e vitais para a organização humana, elas transformam a experiência vivida em objetos reconhecíveis, dotados de percepções, sentimentos e imaginação. A arte é vida. Com ela o sujeito se descobre, se reconhece e se reinventa.

A arte como intervenção psicopedagógica, em especial a leitura de imagens e a produção de imagens, pode ser explorada estrategicamente para aproximar a criança e o adolescente do universo sensível que envolve a aprendizagem. Aprimorar o olhar é desenvolver novos percursos no campo cerebral envolvendo a cognição, motricidade, linguagem e, sobretudo, a maneira de perceber o mundo a sua volta e o mundo que guardam dentro de si. O mediador deverá proporcionar a confiança necessária para que a criança e adolescente se sintam seguros para manifestarem sua queixa de forma natural. A produção artística espontânea é como a identidade: única e extremamente expressiva. Através dela a criança manifesta consciente ou inconscientemente seus desejos, sentimentos e sua personalidade (BUORO, 2009).

### **3 – Estudo de caso**

#### **3.1 Caracterização do caso**

V. é uma menina de 10 anos de idade que cursa o quarto ano do Ensino Fundamental I, no Sistema de Ensino da Rede Pública em uma cidade do interior de São Paulo. Quando chegou ao Centro de Atendimento Especializado, vinculado à prefeitura do município, apresentava como queixa dificuldades na leitura, na escrita, concentração e produção de textos. De acordo com o relatório enviado pela escola, a avaliação diagnóstica apontou ainda dificuldades em sequência numérica, operações envolvendo cálculos simples, nas operações e nas interpretações das situações-problema relacionados ao 3º ano. Ainda de acordo com a avaliação diagnóstica revelou dificuldades no entendimento do conteúdo e interpretação das Ciências e Histórias Naturais. V. mostrou dificuldades de relacionamento com os colegas e resistência com a professora. O material recebido para análise constou de uma produção textual onde haviam ideias desconexas, grande quantidade de palavras, porém, formadas com muitos erros de grafia, aglutinações e divisões silábicas inadequadas.

#### **3.2 Intervenção psicopedagógica**

O atendimento psicopedagógico de V. foi realizado no período de maio a dezembro de 2017, ocorrendo semanalmente, e totalizando 26 sessões. Foi realizada a anamnese com seus pais que relataram desconhecer a queixa da escola, que a filha é inteligente e que não percebiam nada de diferente em casa. Porém, eles afirmaram que tomaram conhecimento durante a reunião da escola de que V. brinca muito na hora da aula. A utilização do caso apresentado foi consentida de forma escrita pelos pais de V.

A primeira sessão de atendimento foi destinada ao conhecimento entre ambas as partes. Era fundamental o estabelecimento de vínculo para que todo o processo iniciado tivesse um ambiente e uma conduta adequados para a fruição dos acontecimentos posteriores. Para isto foi utilizada a confecção de um dedochê – fantoche de dedos.

Ao longo das sessões que sobrevieram, V. mostrou-se desestimulada e com a autoestima muito baixa. Mostrava-se apática quando solicitava a ela que realizasse as atividades de leitura e escrita para a realização do diagnóstico psicopedagógico. A apatia apresentada por V. foi um dos pontos principais de observação e direcionamento das práticas estabelecidas durante as sessões de atendimento. V. apresentou, também, dificuldades com o reconhecimento dos sons e da grafia de letras e palavras. Não conseguia perceber a associação fonográfica levando-nos a iniciarmos um trabalho intenso e frequente com a percepção dos sons e os movimentos da fala.

Outra questão recorrente nas sessões foi com relação à dispersão motivada pela necessidade de falar, de contar coisas do seu dia-a-dia, de sua família, e, sobretudo dos amigos. V. demonstrou ser uma criança expressiva ao falar do que está distante de si, mas não dizia muito sobre o seu mundo, sobre as suas próprias experiências.

No decorrer das sessões, reafirmou-se a prática psicopedagógica como uma construção conjunta com a paciente, ou seja, todo o trabalho de intervenção foi elaborado de acordo com o desenvolvimento e acontecimentos que surgiam durante as sessões e nas vivências externas que V. trazia para dentro do ambiente clínico.

As atividades foram adaptadas para o contexto que estava sendo vivenciado pela criança e de acordo com a sondagem realizada com a família, com a professora e com os resultados dos encaminhamentos solicitados.

A ideia de que a origem do problema de aprendizagem de V. era externa a ela, ou seja, tinha sua causa em fatores externos, aumentava a cada novo encontro. Iniciei uma investigação atenta junto aos pais e à escola, buscando por indícios que pudessem justificar as dificuldades de aprendizagem. Ao mesmo tempo, comecei a incorporar outros métodos de intervenção psicopedagógica que lhe provocassem interesse. Considerei importante trabalhar a autoestima e a autoconfiança, valorizando a sua individualidade e características pessoais. Dessa forma chegou-se a premissa de que V. precisaria aprender a querer aprender.

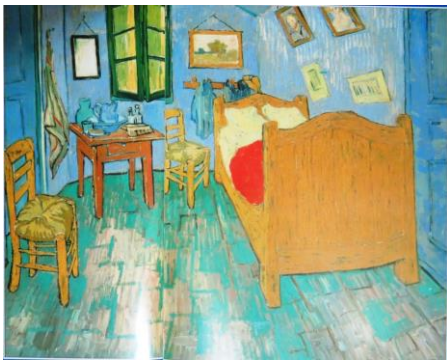
As dificuldades de aprendizagem que V. apresentou na escola possivelmente contribuíram para diminuir as suas expectativas de sucesso, a cada dia, reforçando sua autoimagem de incapaz e inadequada diante dos colegas, da família e de si mesma. V. não acreditava que poderia ser capaz de realizar o que lhe era proposto. Não acreditava que poderia vencer as dificuldades e apresentava uma forte apatia, que apontava o limite da depressão infantil. Além disso, V. estava inserida em um contexto familiar que compreendia o alcoolismo, uso de drogas, violência doméstica e prisão, que embora não tenham sido explicitados pela menina, e sim por sua mãe, faziam parte de suas vivências e acarretavam consequências ao seu desenvolvimento emocional, social e cognitivo.

Dediquei-me a usar a arte, através da leitura e da produção de imagens e textos, a fim de explorar outros sentidos em favor da retomada do desenvolvimento da aprendizagem. Foi um método escolhido para criar interlocuções entre a imagem, o olhar, as vivências de V. e a minha intermediação como psicopedagoga, visando a comunicação e a externalização dos seus sentimentos e experiências. A escolha da metodologia aplicada baseou-se em uma vivência ocorrida no início do estágio em que a menina contava o que ela via nos gibis. Ela não conseguia ler as palavras corretamente, mas lia as imagens. A sequência de ler a imagem, produzir a própria imagem e escrever uma história sobre a imagem produzida, foi utilizada com o intuito de auxiliar o processo de desenvolvimento da leitura e da escrita, através da

organização do pensamento e das ideias.

Foram utilizados livros com imagens de obras de arte, e as imagens trabalhadas nas sessões de atendimento eram escolhidas por V., à medida em que folheava suas páginas, conforme apresentado na Figura 1 A-B. Trabalhou-se com interpretação visual, com a criação de histórias faladas e com a produção de novas histórias através do desenho, da pintura e da produção de textos (Figuras 2 e 3). Houve forte motivação e desempenho na experimentação desta metodologia, pois, foi o período de atendimento em que mais obteve-se retorno de V.

Figura 1: Utilização da leitura de imagens.



A) O Quarto em Arles (1888/9) - Van Gogh

B) "O quarto de V."

Figura 2: Produção de texto: "O quarto de Vincent Van Gogh"

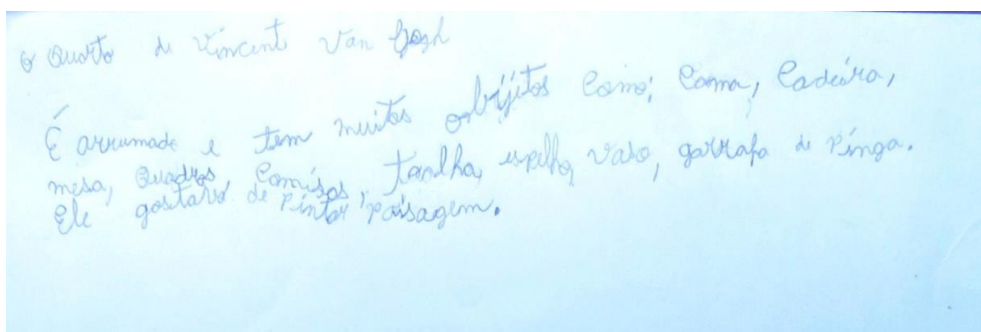
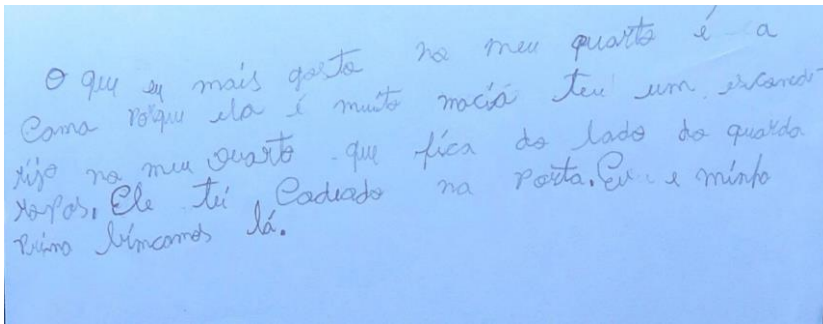


Figura 3: Produção de texto: "O quarto de V."



Através deste trabalho de intervenção foi percebida a extensão da capacidade de V., pois ela provou através de sua produção que quando o seu interesse era despertado, ela reagia de forma criativa, participativa e eficaz.

#### **4. Considerações Finais:**

Apresentou-se no presente artigo um estudo de caso que propõe provocar uma reflexão acerca da utilização da arte, especialmente a leitura e a produção de imagens, como instrumento de intervenção psicopedagógica. A metodologia apresentada pode proporcionar a incursão nas emoções e a organização das ideias, pensamentos e sentimentos para a retomada do processo de desenvolvimento em crianças e adolescentes que apresentam dificuldades de aprendizagem.

Para tal, abordou-se o fracasso escolar que vitimiza grande número de crianças e adolescentes nas escolas públicas de nosso país, em consequência de problemas oriundos de fatores endógenos e exógenos diversos que acarretam grandes prejuízos em seu ambiente social, em suas expectativas pessoais e em seu processo de aprendizagem.

Este estudo apontou para a observação de problemas emocionais decorrentes da desestruturação familiar, por se tratar da realidade vivida pela criança apresentada no estudo de caso que complementou a pesquisa realizada e também, pelo entendimento dos enormes prejuízos que estes fatores acarretam no processo de aprendizagem e na formação do indivíduo como um todo, pois envolvem as suas relações, a sua visão de mundo e a visão de si mesmo.

O presente estudo corrobora a importância do psicopedagogo como agente facilitador do processo de compreensão e viabilização do retorno ao

desenvolvimento da aprendizagem e, neste caso, como mediador da comunicação proposta pela arte, através da leitura e produção de imagens e histórias, entre a criança ou adolescente, a imagem, e a história escrita ou falada.

Relatou-se um estudo de caso em que a metodologia de leitura e produção de imagens foi utilizada como intervenção psicopedagógica, alcançando um resultado satisfatório com a melhora da autoestima e segurança da criança, assim como a melhora de sua escrita e leitura, mas principalmente, pôde-se perceber o grande potencial criativo e cognitivo em estado de latência, a ser desenvolvido em um processo contínuo de confiança, estímulo e afetividade.

Apresentou-se a arte como uma das possibilidades de intervenção no atendimento psicopedagógico, visto que a Psicopedagogia é uma ciência nova e em construção que demanda o trabalho multidisciplinar e técnicas próprias para tratar dos problemas ligados à aprendizagem. A arte pode ser utilizada no processo de diagnóstico e intervenção psicopedagógica, enquanto expressão e prática artística, proporcionando o diálogo e sensibilizando a criança e o adolescente, a fim de motivá-los a retomarem o processo de desenvolvimento escolar. É uma ferramenta que pode ser utilizada conjuntamente com outras práticas psicopedagógicas. Com a realização da pesquisa teórica e com o estudo de caso, foram encontrados fortes elementos que consubstanciam a eficácia desta ferramenta na prática que busca entender o sujeito em processo de aprendizagem e lhe oferecer novos caminhos que o desperte para o querer aprender, para o querer fazer, para o querer conviver e para o querer ser, de maneira segura, plena e feliz.

## 5. Referências Bibliográficas:

ANDRADE, Márcia Siqueira. Rumos e diretrizes dos cursos de psicopedagogia: análise crítica do surgimento da psicopedagogia na América Latina. **Cadernos de Psicopedagogia**. São Paulo, v.3, n.6, p.1-8, jun., 2004. Disponível em:<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676-10492004000100008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-10492004000100008)> Último acesso em 26/02/2018.

BARBOSA, Priscila de Souza. **Dificuldades de Aprendizagem**. São Luis: UemaNet, 2015. Disponível em: <[http://oincrivelze.com.br/wp-content/uploads/2015/12/Fasc%C3%ADculo\\_Dificuldades-de-Aprendizagem-Unidade-](http://oincrivelze.com.br/wp-content/uploads/2015/12/Fasc%C3%ADculo_Dificuldades-de-Aprendizagem-Unidade-)



[1.pdf](#)>– Último acesso em 26/02/2018.

BARROCO, Sonia Mari Shima; SUPERTI, Tatiane. Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano. **Psicologia & Sociedade**. Maringá, 26(1), p. 22-31, 2014. Disponível em:< [www.scielo.br/pdf/psoc/v26n1/04.pdf](http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n1/04.pdf)> Último acesso em: 27/02/2018.

BOSSA, Nádia. **Fracasso Escolar**: um olhar psicopedagógico/.... (org.); Fracasso escolar: um sintoma da contemporaneidade. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção**: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. São Paulo:Cortez, 2009.

CARVALHO, Rosita Edler. **Contribuições da neuropsicologia para ampliar o olhar do(a) psicopedagogo (a)**. IX Congresso Nacional de Educação – Educere – III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. PUCPR 2009. Disponível em:< <https://pt.scribd.com/document/112853493/Psicopedagogia-e-Neuropedagogia>> Último acesso em 26/02/2018.

DEGENSZAJN, Raquel Diaz; ROZ, Deborah Path; KOTSUBO, Lucimeire. **Fracasso Escolar: uma patologia dos nossos tempos?** São Paulo: Serviço de Psiquiatria e Psicologia do Instituto da Criança da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 2001. Disponível em: < [https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/33109131/511.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1519699064&Signature=12%2FtWawquJ5KPnZ8A1RURTx9P0I%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DSchool-failure\\_a\\_disease\\_of\\_our\\_days\\_Fra.pdf](https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/33109131/511.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1519699064&Signature=12%2FtWawquJ5KPnZ8A1RURTx9P0I%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DSchool-failure_a_disease_of_our_days_Fra.pdf)> Último acesso em 26/02/2018.

FERNÁNDEZ, Alícia. **A inteligência Aprisionada**: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. Trad. Iara Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

FERREIRA, Marlene de Cássia Trivellato; MARTURANO, Edna Maria. **Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar**. Ribeirão Preto: Psicologia: Reflexão Crítica, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v15n1/a05v15n1.pdf>> -Último acesso em 26/02/2018.

FONSECA, Vitor da. Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica. **Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia**, São Paulo, v.33, p.1-30, 2016. Edição Especial. Disponível em: < [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862016000300014](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862016000300014)> Último acesso em 26/02/2018.

Gogh, Vicent van. **Quarto em Arles**. 1888-1889, colorida, 56,5 cm x 74 cm.

GRUBITS, Sônia. A Casa: cultura e sociedade na expressão do desenho infantil. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v.8, num. Esp., p.97-105, 2003. Disponível em:< [www.scielo.br/pdf/pe/v8nspe/v8nesa12.pdf](http://www.scielo.br/pdf/pe/v8nspe/v8nesa12.pdf)> Último acesso: 27/02/2018

GRUBITS, Sônia & DARRAULT-HARRIS, I, 2001. Transculturalité et représentation de l' espace chez lês Guarani-Kaiowá du Brésil. The Journal of the International Association for Visual Semiotics, 6,(2-3), 45-53. *apud* GRUBITS, Sônia. A Casa: cultura e sociedade na expressão do desenho infantil. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v.8, num. Esp., p.97-105, 2003. Disponível em:< [www.scielo.br/pdf/pe/v8nspe/v8nesa12.pdf](http://www.scielo.br/pdf/pe/v8nspe/v8nesa12.pdf)> Último acesso: 27/02/2018

IDE, Sahda Marta. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a educação.** In TIZUKO, Morchida Kishimoto (org.); O jogo e o fracasso escolar -9. Ed. – São Paulo: Cortez, 2006.

JUPIASSU, Hilton. O espírito interdisciplinar. Rio de Janeiro: **Cad. EBAPE.BR** vol. 4 nº 3, 2006. Disponível em: < [http://www.scielo.br/Qscielo.php?pid=S1679-39512006000300006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/Qscielo.php?pid=S1679-39512006000300006&script=sci_arttext) >. Acesso em 31 mai. 2017.

LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon:** teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

LEITE, Priscila de Souza Chisté. Arte, catarse e educação. **Educação e Filosofia.**

Uberlândia, v. 29, n. 58, p.889-899, jul./dez, 2015. Disponível em:< [www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/download/26006/18056](http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/download/26006/18056)> Último acesso em 27/02/2018.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. **Psicologia da Educação.** São Paulo, n.20, jun., 2005. Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1414-69752005000100002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1414-69752005000100002)

Último acesso em 04/03/2018.

PEREIRA, Paulo Celso; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. **A concepção de educadores sobre violência doméstica e desempenho escolar.** México:Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, 2008. Disponível em:<<http://www.redalyc.org/html/2823/28232824010/>> Acesso em 05 out. 2017.

PILLAR, Analice Dutra. **A educação do olhar no ensino das artes.** Porto Alegre: Mediação, 2011.

ROSSI, Maria Helena Wagner. **Imagens que falam:** leitura da arte na escola. Porto Alegre: Mediação, 2009.

SAMPAIO, Simaia. Abordagem multidisciplinar da aprendizagem/ Rafael Silva Pereira (org.) **Trabalhando as Funções Executivas no Atendimento Psicopedagógico.** Lisboa: Qual Consoante, Lda, 2015.